

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Elisângela Maura Catarino
 Vanessa Alves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
R332	<p>Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Vanessa Alves Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-873-1 DOI 10.22533/at.ed.731211103</p> <p>1. Filosofia. 2. Reflexão. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título. CDD 101</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, trazemos até vocês o livro - Reflexão sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia 2. Uma obra multicultural que reúne textos de autores de diferentes regiões e instituições do Brasil, bem como, um trabalho de pesquisadores colombianos. O objetivo do livro é promover o diálogo e a reflexão filosófica, bem como a articulação entre pesquisa e pesquisadores. A leitura filosófica está viva e inclui temas como: ética, razoabilidade, crença religiosa, condição humana, violência e humanidades.

O livro é composto por 15 artigos, tendo no centro as discussões e interface de vários teóricos do campo de filosofia e áreas afins. Dentre eles podemos citar: Max Weber que intensifica o discurso sobre a racionalização do trabalho na sociedade capitalista moderna - Pirre Hadot, que contribuiu para o texto “A filosofia como exercício espiritual” - Pedro Laín Entralgo como dispositivo teórico no texto – “O que é homem? Do ponto de vista antropológico filosófico (...)” -, Hannah Arendt a partir de um discurso pautado na condição humana -, Kant e Rousseau, na perspectiva da educação das crianças, entre outros.

Nos textos desta obra, “a linguagem é versada em metáforas e retórica, e desta forma heterogênea a escrita filosófica é usada de forma consciente ou inconsciente”. A obra é um convite a uma imersão no mundo do conhecimento e da sabedoria, imbuído de “discursos”, “reflexões” e “questões filosóficas”. Diante o exposto, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vanessa Alves Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ÉTICA DE LAO ZI E CONFÚCIO: REFLEXÕES SOBRE O FAZER EM SAÚDE E A NATUROLOGIA

Mirella Guimarães Pedroso

Ana Claudia de Leite-Mor

DOI 10.22533/at.ed.7312111031

CAPÍTULO 2..... 15

A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Renato Somberg Pfeffer

DOI 10.22533/at.ed.7312111032

CAPÍTULO 3..... 25

AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO

Anna Paula Fernandes Zanoni

DOI 10.22533/at.ed.7312111033

CAPÍTULO 4..... 38

A RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA EM MAX WEBER

Maria Jorge dos Santos Leite

DOI 10.22533/at.ed.7312111034

CAPÍTULO 5..... 48

A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE PIRRE HADOT

Marcelo Gabriel de Freitas Veloso

DOI 10.22533/at.ed.7312111035

CAPÍTULO 6..... 55

BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL

Nathan D'Avila Silva

Keberson Bresolin

DOI 10.22533/at.ed.7312111036

CAPÍTULO 7..... 63

LA FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIDA EN PERSPECTIVA DE PIERRE HADOT

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111037

CAPÍTULO 8..... 71

¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO

Adriana Obando Aguirre

DOI 10.22533/at.ed.7312111038

CAPÍTULO 9	82
FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCEM DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA	
Nosta da Graça Mandlate	
Tancredo Tercílio Tivane	
DOI 10.22533/at.ed.7312111039	
CAPÍTULO 10	94
O NILISMO E O PROBLEMA DO VALOR	
Roberto Carlos de Andrade Júnior	
Robson Costa Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.73121110310	
CAPÍTULO 11	104
PENSAR O QUE ESTAMOS FAZENDO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA LEITURA DA OBRA <i>A CONDIÇÃO HUMANA</i> DE HANNAH ARENDT	
Thainá dos Santos Matos	
DOI 10.22533/at.ed.73121110311	
CAPÍTULO 12	112
PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU	
Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.73121110312	
CAPÍTULO 13	133
SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS	
Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.73121110313	
CAPÍTULO 14	147
SERIA O MEU TRABALHO DE PERFURADORA CORPORAL, A PRIMEIRA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?	
Renata Ribeiro Costa Machado	
DOI 10.22533/at.ed.73121110314	
CAPÍTULO 15	150
HUMANIDADES E FILOSOFIA: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO E CRÍTICO	
Jovany Arley Sepúlveda Aguirre	
Luis Fernando Garcés Giraldo	
Conrado Giraldo Zuluaga	
Felipe Jaramillo Vélez	
Juan Esteban Alzate Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.73121110315	

SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO.....	163

CAPÍTULO 2

A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTÓS

Data de aceite: 01/03/2021

Data da submissão: 25/11/2020

Renato Somberg Pfeffer

Fundação João Pinheiro, Departamento de
Políticas Públicas
Belo Horizonte - Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/2036877945969773>

RESUMO: O texto discute a razoabilidade da crença religiosa na ressurreição dos mortos a partir do princípio de que a ciência não detém o monopólio do real e não esgota a totalidade do humano. Apesar da salvação religiosa ainda ser considerada por agnósticos e ateus uma fonte de alienação, ela ainda inspira esperança para uma parcela considerável da humanidade. Isto porque ela dá respostas à necessidade humana de ser reconhecido e afirmado frente ao fato inquestionável da finitude da vida. A crença em Deus decorre do fato de que uma vida sem transcendência é trivial, por isso, o homem merece que a vida não termine com a morte. Sendo o mal uma necessidade estrutural de um mundo que carrega em si uma multiplicidade de possibilidades conflitivas, torna-se mister reconhecer que a racionalização do enigma do mal tem seus limites. Mesmo que o discurso razoável sobre o mal não seja uma exclusividade das religiões, a ideia de salvação religiosa, de uma mortalidade que que não acaba com a morte, repara a questão do mal como condição inerente da criatura finita.

PALAVRAS - CHAVE: Ressurreição do mortos. Razoabilidade. Redenção humana.

THE PHILOSOPHICAL REASONABILITY OF RELIGIOUS BELIEF IN THE RESURRECTION OF THE DEAD

ABSTRACT: The article discusses the reasonableness of religious belief in the resurrection of the dead based on the principle that science does not hold the monopoly on the real and does not exhaust the totality of the human. Although religious salvation is still considered by agnostics and atheists as a source of alienation, it still inspires hope for a considerable portion of humanity. This is because it provide answers to the human need to be recognized and affirmed in the face of the unquestionable fact of the finitude of life. Belief in God stems from the fact that a life without transcendence is trivial, so man deserves that life does not end with death. Since evil is a structural need of a world that carries within itself a multiplicity of conflicting possibilities, it becomes necessary to recognize that the rationalization of the enigma of evil has its limits. Even if the reasonable discourse about evil is not exclusive of religions, the idea of religious salvation, of a mortality that does not end with death, repairs the question of evil as an inherent condition of the finite creature.

KEYWORDS: Resurrection of the dead. Reasonability. Human Redemption.

1 | INTRODUÇÃO

A escatologia discute o destino final do homem e do mundo. Ela objetiva satisfazer a necessidade humana de entender sua inerente finitude fomentando a esperança e relativizando o mal.

A Filosofia designa de mal metafísico o enigma do mal no mundo. Ao identificar o ser infinito com o bem infinito e o ser finito com o bem limitado, os filósofos associam esse mal metafísico às criaturas e às coisas finitas. Todas as tentativas de racionalização especulativa para explicar o significado do enigma do mal revelaram os limites da razão quando esta enfrenta questões últimas. Também as teodiceias religiosas se mostraram insuficientes para explicar de forma razoável essa questão. Isso leva à tomada de consciência de uma dimensão misteriosa da vida.

Qualquer forma de dogmatismo neste ramo do saber é questionável, pois prever este cenário é impossível dada a limitação da racionalidade humana. O resultado desta incoincidência humana é uma série de crenças religiosas e sistemas filosóficos, quase sempre com visões contraditórias, nas declarações relativas a autenticidade ou heresia de uma doutrina.

Essa percepção é fundamental, pois a discussão escatológica envolve um confronto não dirimido entre as religiões e a racionalidade científica que pode, assim, ser iluminado. O primordial é que, dependendo da maneira como as fontes religiosas são interpretadas, o diálogo entre ciência e religião pode ocorrer ou não.

Os cenários religiosos escatológicos influenciaram diversos pensadores laicos, fato que pode ser ilustrado pelos movimentos nacionalistas contemporâneos e pelo pensamento marxista, ambos herdeiros de uma esperança na redenção futura; nacional no primeiro caso, universal no segundo.

O presente texto pretende discutir a temática da razoabilidade da crença religiosa na ressurreição dos mortos. O crente religioso espera uma resposta para esse enigma no fim do caminho. Estrada (1962) afirma que a abertura da imanência à transcendência torna possível encontrar sentido na vida em meio a acontecimentos que, por si mesmos, parecem contraditórios. Somente a promessa de um final feliz permite ao crente assumir o risco de acreditar na aparente irracionalidade e falta de sentido daquilo que vivencia.

O apartado que se segue a esta introdução trata do argumento metafísico sobre a origem do mal. Em seguida é discutida a necessidade humana de transcender a história e a mortalidade. Por fim, a título de conclusão, é realizada uma reflexão sobre a razoabilidade da crença religiosa na ressurreição dos mortos sem a pretensão de esgotar ou chegar a uma verdade definitiva sobre o tema.

21 A QUESTÃO DO MAL METAFÍSICO

O escândalo do mal que indignou o ser humano ao longo de sua história obriga a razão humana a engendrar certas considerações ontológicas. Esse mal transparece nas dores e angústias da vida, tornando-se insuportável frente ao enigma da morte. Afinal, Deus não poderia ter criado um mundo mais harmonioso e menos doloroso?

A filosofia escolástica medieval de Tomás de Aquino (1225-1274), inspirada na filosofia antiga, desenvolveu um argumento metafísico sobre a origem do mal: o mal metafísico é inerente à condição finita do ente. Partindo do princípio de que o ser e o bem se identificam, a filosofia tomista afirma que o supremo ser é o bem absoluto e perfeito, por conseguinte, todo ente, por ser finito, possuirá bem e perfeição limitados. Antes de Aquino, no final da Antiguidade, o neoplatonismo de Agostinho de Hipona (354-430) apontava para o vínculo entre o mal e a carência ontológica do ente, negando, assim, a realidade ontológica do mal e eliminando o dualismo maniqueísta (AGOSTINHO, 2005).

Ou seja, o mal metafísico é uma necessidade do mundo criado, que é imperfeito, contingente, relativo e insuficiente. Essa privação característica das criaturas não pode ter essência e tampouco pode ter existência em si (AQUINO, 1968). Ainda que Deus não deseje essa privação, ela é inerente à condição de criatura marcada por sua cota de imperfeição, que é consubstancial à sua condição finita. Dessa condição, emergem o mal físico, psíquico e moral. Na perspectiva de Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona, o mal não era desejado por Deus; ele teria sido um acidente.

O filósofo moderno Leibniz (1646-1716) também defendeu que o mal é uma privação do bem e não tem uma essência. Para ele, o mal é um componente necessário do melhor dos mundos possíveis. Sendo a realidade boa, ainda que limitadamente, o mal não é uma realidade primária. O mal, no entanto, era visto por esse pensador como um componente relevante da realidade, pois ele afeta as criaturas, em especial, o homem: conflitos, dor, morte...

Não sendo uma realidade em si, o mal é um conceito relacional: alguma coisa que nos acontece ou que interpretamos e avaliamos como mal em suas consequências. Por isso, pode-se falar das causas devastadoras do mal, que têm a ver com as expectativas humanas frustradas sobre a realidade em uma determinada conjuntura. Nesse sentido, o mal é negatividade, pois é a privação de algo desejado e considerado bom, que impede a realidade de se realizar de forma normal (LEIBNIZ, 2013).

Diante da teoria do mal metafísico apresentada, a pergunta inicial se Deus poderia ter criado um mundo mais harmônico no nível da criatura perde o sentido, ou, como afirma Torres Queiroga (2011), não é uma pergunta sensata porque não significa nada.

O paradoxo de Epicuro (341-270 a.e.c.)¹ perde assim seu sentido, pois Deus continua

¹ Dilema lógico sobre o problema do mal, atribuído ao filósofo grego Epicuro, proposto a partir das características do Deus judaico: onisciência, onipotência e benevolência. Se Deus é onisciente e onipotente, Ele sabe e tem poder de acabar com o mal. Se Ele não o faz, é porque não é bom. Se Ele é onipotente e bom, tem poder e quer acabar com o

sendo onipotente mesmo sem poder criar um mundo sem imperfeições, da mesma forma que Ele não pode criar um “triângulo de cinco lados ou um círculo quadrado” (GOMES CAFFARENA, 2007, p. 581, tradução do autor). Ao afirmar que a raiz última da possibilidade do mal reside na condição finita da realidade, a teoria do mal metafísico expõe os limites do argumento de Epicuro: “Porque somente a partir da convicção de que um mundo sem mal é possível tem sentido fazer com que Deus seja responsável que tal mundo exista” (TORRES QUEIROGA, 2011, p. 27, tradução do autor). É por isso que Leibiniz (2013) busca a origem do mal na limitação da criatura, e não no pecado.

Sem o pressuposto do mal metafísico, Deus seria uma hipótese monstruosa (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016). Por outro lado, mesmo com o pressuposto do mal metafísico, o excesso de mal no mundo – como, por exemplo, o sofrimento dos inocentes – segue impactando aqueles que se dedicam ao tema.

Segundo Torres Queiroga (2011), o certo é que, frente ao dilema do mal, que nos coloca diante do absurdo da existência, cada pessoa busca respostas, laicas ou religiosas. Essas pisteodiceias podem ou não ser construídas a partir de teodiceias, pois o tema do mal não é um patrimônio das religiões, apesar de estas terem sido pioneiras ao tratar o assunto. No campo das teodiceias e diante do paradoxo da vida moral representado pela questão do mal, o mesmo autor propõe dois caminhos para nos abirmos frente à esperança religiosa: 1. A consideração de Deus a partir do mal ou caminho longo da teodiceia; e 2. A consideração do mal a partir de Deus ou caminho curto da teodiceia.

O caminho longo da teodiceia permite colocar Deus como uma hipótese que responde ao enigma do mal e concorre com outras teorias ateias. A tragédia representada pelo mal se torna nesse caminho um meio para descobrir Deus. Partindo do princípio de que a eliminação da hipótese de Deus não resolve o enigma do mal e de que as pisteodiceias ateias não são suficientes para dar respostas dotadas de sentido, o caminho longo busca uma fundamentação crítica para “a entrada de Deus no discurso pela porta que abre a experiência do mal” (TORRES QUEIROGA, 2011, p. 146, tradução do autor).

O próprio Torres Queiroga coloca uma objeção fundamental a essa via: como conciliar a salvação oferecida pela religião com a finitude da condição humana? Sendo o mal metafísico inerente à condição da criatura, a salvação, logo, é uma impossibilidade metafísica. Essa impossibilidade lógica também é denunciada por Estrada (2001, p. 17, tradução do autor):

É impossível que seres criados, portanto inevitavelmente imperfeitos em relação a Deus, esperem superar todo o mal por uma intervenção divina que, por definição, não pode ocorrer. Iria contra as leis da lógica e da criação do mesmo criador. Seria cair em um impossível lógico e levaria a crer em algo absurdo.

mal. Se Ele não o faz é porque não sabe onde está o mal, então, não é onisciente. Se Ele é onisciente e bom, sabe que o mal existe e quer eliminá-lo. Se Ele não o faz é porque não é capaz, portanto, não é onipotente.

A única saída dessa contradição lógica é a aceitação confiada no mistério, que é uma característica do homem de fé. Paradoxalmente, essa saída obriga os crentes a aceitar os limites da via longa da teodiceia para explicar o mistério do mal e abre a possibilidade para reconhecer outras explicações racionais, inclusive o agnosticismo, o niilismo e o ateísmo. A objeção de Torres Queiroga (2011) sobre a impossibilidade metafísica da salvação, derivada da tomada de consciência da insuficiência da razão para decifrar o enigma do mal, leva a uma “busca e abertura, não ao Deus dos filósofos, mas ao Deus da fé” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, p. 264, tradução do autor), ou seja, à análise do caminho curto da teodiceia.

3 | EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA VIDA POR MEIO DA TRANSCENDÊNCIA HISTÓRICA

A busca de um relato que dê significado para vida é inerente à condição humana. Qual o papel e o propósito do ser humano em seus setenta ou oitenta anos de vida? A resposta a esta pergunta deve ser um relato que vincule a vida a algo maior que ela mesma e a um final aberto, mas não necessariamente infinito.

Alguns encontram esse significado em seu legado, sejam suas obras ou seus filhos. Outros o buscam na busca de sabedoria, no amor à pessoa amada ou no amor altruísta à humanidade como um todo. Ou seja, uma vida significativa pode ser alimentada por grandes paixões: “a anseio do amor, a busca do conhecimento e uma insuportável simpatia pela dor da humanidade” (FRAIJÓ, In: MARINAS, 2016, p. 22, tradução do autor). Sem dúvida, ser para o conhecimento, para alguém amado ou para outro ser humano são um horizontes de sentido, inspiração, comunhão e esperança.

Na Bíblia hebraica (2006), esse amor ao próximo é simbolizado pelo patriarca Abraão, cuja tenda estava sempre aberta aos visitantes e que estava disposto a questionar Deus para salvar o povo de Sodoma (Gen. 18). O patriarca Isaack, por sua vez, ao cavar poços (Gen. 26) e se preocupar em abençoar seus filhos (Gen. 27) parece simbolizar aqueles que buscam um significado para vida em suas obras e em seus filhos.

No entanto, concordando com a opinião de Fernández Del Riesgo (2020), esse amor oblativo deixa sem resposta uma necessidade humana, genuína e legítima, de compensação e afirmação definitiva, que é pessoal e intransferível. Sobreviver em obras realizadas ou na memória de pessoas amadas também parece ser insuficiente, pois o ser humano necessita dar, mas também precisa receber. É como se ele necessitasse de uma reconciliação e uma reabilitação final. “E é a religião que, precisamente, tem tentado dar resposta a esta enigmática exigência humana” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2020, p. 243, tradução do autor).

Também Savater (2007), apesar de considerar as religiões ilógicas na sua interpretação do universo e no papel inverossímil que o ser humano nele desempenha,

acredita que este absurdo é justificado e necessário: a vida precisa ser poetizada para aliviar sua falta de significado e a insignificância humana. As religiões, portanto, protegem e dão aos fiéis uma esperança transcendente que nenhum princípio ético, legal ou político oferece. Somente a religião é capaz de nos salvar do acaso inevitável da morte e abre caminho para a eternidade.

Por meio da religião, a humanidade se sente pertencente a algo maior que ela mesma e até mesmo nossos legados, sejam as obras ou os filhos, e o amor oblato, seja pela pessoa amada, pelo conhecimento ou pelo outro, se tornam mais significativos. Abraão e Isaack trilharam caminhos diferentes para servir a Deus e dar significado às suas vidas. O primeiro espalhava divindade entre seus convidados, o segundo, ao cavar poços, ativava potências divinas interiores. Cada qual à sua maneira, eles reconheceram a transcendência e a imanência de Deus no mundo e sabiam que tinham um lugar na redenção futura.

A discussão sobre o enigma da finitude e insuficiência humanas não é simples e a esperança religiosa, muitas vezes, é tida como uma espécie de consolo que dissimula um autoengano. Diversos pensadores na esteira de Nietzsche (1844-1900), entre eles Quesada (1994), aceitam a tragédia da vida, marcada pela ausência de uma solução final. Advogam uma vontade de viver fundamentada na coragem e valentia, rechaçando a metafísica. A vida não passa, então, de um tipo de jogo ou experimento do qual o sofrimento e as intempéries são partes inerentes que devem ser vividas. Não há uma finalidade última e o homem não pode escamotear sua finitude e se esconder em uma racionalidade teológica. “Não temos outra eternidade senão a que nos brinda o momento que vivemos (...) e só temos uma vida para sê-lo”, por isso, temos que “suportar o tempo” (QUESADA, 1994, p. 30-31, tradução do autor). A morte, para Quesada, é uma tarefa que o ser humano tem que enfrentar. Decidir sobre o momento e o como morrer permitiria ao homem recuperar a própria vida.

Existe, portanto, uma ética que refuta o consolo metafísico e o conceito de salvação religioso. É uma ética que fala de “morrer de pé, não de joelhos e pedindo perdão”. Para essa vertente de pensamento “aceitar o pseudoconsolo da imortalidade é trair e perder a nossa vida” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2020, p. 244, tradução do autor). Como um nômade sem verdade última, ou como um marinheiro que se entranha no mar, somente o amor ao outro homem pode nos ajudar a superar o medo que escraviza e leva à fuga na crença religiosa. Este “ateísmo difícil” (QUESADA, 1994) insiste que o ganho do homem é sobrepor seu próprio medo e afirmar a vida com seu próprio esforço, resistência e audácia. Em outras palavras, dizer sim à vida frente à sua debilidade: a grandeza do homem está em sua “capacidade de sobrepor-se a um mundo que ele não criou. Em sua valentia e generosidade, apesar de ter somente uma vida” (QUESADA, 1994, p. 302, tradução do autor).

Tal visão, que enxerga o homem como um ser só que busca construir-se e transcender-se continuamente frente às intempéries e problemas da vida, deixa, ao fim,

“um amargo sentimento de insuficiência e insatisfação” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, 252, tradução do autor). Será que a religião tem como origem semente o medo frente às incertezas da vida e ao medo da morte? Ela é apenas uma forma de alienação, autoengano ou infantilização do ser humano? A única forma de enfrentar as contingências da vida é assumir a postura do super-homem nietzschiano que derrota o niilismo?

Um resposta positiva a estas perguntas parece não ter sido a herança cultural predominante do mundo ocidental. Grandes pensadores da tradição filosófica ocidental, como Agostinho de Hipona (354-430), Tomás de Aquino (1225-1274), Leibniz (1646-1716), Kant (1724-1804), Schleiermacher (1768-1834) e Hegel (1770-1831), tentaram demonstrar que a conexão entre cultura e religião não se resolve com a negação de Deus. Se, por um lado, Nietzsche pode ter acertado nas suas críticas ao individualismo burguês, ao perigo do niilismo, aos aspectos censuráveis do mundo religioso, por outro, parece que seu esforço titânico de valorizar o super-homem “nos recorda a obstinação voluntariosa de Sísifo” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, 247) em sua inglória punição, recebida dos deuses, de empurrar uma pedra até o lugar mais alto da montanha, de onde ela rolava de volta.

Não se nega neste texto a possibilidade de uma ética sem Deus ou que as religiões, historicamente, possuem seu lado mórbido. Porém, afirma-se que o mundo religioso possui um lado luminoso que já aportou muito, e ainda tem a contribuir, para o homem contemporâneo. Esta contribuição vai além da difusão dos valores humanistas de dignificação da condição humana e da defesa da liberdade responsável. Aqueles que aderem à transcendência religiosa podem

viver a esperança de um reconciliação, que contempla a afirmação incondicional do indivíduo, em sintonia com suas aspirações mais profundas e pessoais, que são insaciáveis. Esperança que pode nos sustentar quando já não nos resta mais nada e é inútil pedir uma extensão do tempo (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, 250-251, tradução do autor).

Frente a finitude e debilidade humanas, aquele que crê em Deus busca a salvação, a justiça e um significado para sua vida e para sua morte. O crente não aceita a contingência e o sofrimento humanos como respostas últimas. A “capacidade de Deus” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, 255, tradução do autor) de dar respostas impede o homem de se sujeitar à resignação.

As respostas dadas pela onipotência divina frente aos desafios e tragédias da história, e em especial em relação à morte, no entanto, remetem a uma vitória futura, a uma promessa de redenção. Ou seja, a religião dá somente esperanças frente às incertezas, pois nenhum Deus é suficientemente explícito para nos dar uma confiança ilimitada (FRAIJÓ, 2016). Confiar na palavra de um Deus oculto exige do crente um ato de liberdade de escolha que envolve a razão, a imaginação, o desejo e a vontade. Na verdade, entre o intento autotransformador de Nietzsche e a redenção religiosa, cabe ao homem escolher em que acreditar. Se, então, estamos diante de uma escolha razoável, o presente texto

busca discutir, a partir de fontes judaicas, a crença em uma vida que não se encerra com a morte do corpo e a ressurreição dos mortos.

4 | A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS COMO UMA CRENÇA RAZOÁVEL

O mal no mundo presente tem servido de justificativa para muitos objetarem a existência de Deus. Como pode um Deus onipotente, onipresente, onisciente permitir o mal? Paradoxalmente, a persistência da maldade também serve aos que creem: será possível não existir um Deus redentor frente a tanta maldade? A finitude humana impede uma resposta definitiva a estes questionamentos. A existência ou não existência de Deus deixam igualmente muitas dúvidas que carecem de respostas. Como afirmado anteriormente, a inverificabilidade da verdade permite ao homem escolher sua crença, inclusive, acreditar em uma inconveniente hipótese para a ciência contemporânea: ressurreição dos mortos.

Dado que mal é uma necessidade estrutural do mundo criado, visto que este é finito e existe uma multiplicidade de possibilidades conflitivas, torna-se mister reconhecer que a racionalização do enigma do mal tem seus limites. Mesmo que o discurso razoável sobre o mal não seja uma exclusividade das religiões o que comprovam as teses agnósticas ou ateias, a ideia de salvação religiosa, de uma mortalidade que não acaba com a morte, sana a questão do mal como condição inerente da criatura finita. Tudo aponta para o infinito quando se discute a coincidência última do humano, sua insaciabilidade, seu desejo de plenitude. Portanto, é razoável postular a presença “do absoluto na mais profunda intimidade do ser humano” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2020, p. 265, tradução do autor).

No que tange ao fenômeno ontológico da ressurreição especificamente, ela se trata de uma transformação do mundo que eliminará a dor e o sofrimento, o que é própria da salvação. Ela abre uma esperança de um novo porvir para o ser humano que estabelece um novo horizonte para a finitude e a temporalidade. Ao mesmo tempo, ela permite uma vivência no presente de uma nova maneira na medida em que “assumimos nossa história no mundo e com o mundo como uma história de salvação que pode ter um final feliz” (FALKE, 2017, p. 170).

Para Fraijó (2016), a ressurreição dos mortos é a condição transcendental que “permite que nosso ser não se frustrar, não desembarque ao final no nada” (FRAIJÓ, 2016, p. 131, tradução do autor). A ressurreição dos mortos pretende “alterar os resultados da evolução cósmica, da história, e vencer a injustiça” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, 256, tradução do autor). Talvez, a transcendência utópica futura prometida pela ressurreição seja insuficiente para explicar todas as dores vividas pelo homem justo ou compensar as mortes prematuras ou cruéis. “O sofrimento vivenciado carece de uma compensação positiva” (FRAIJÓ, 2016, p. 233, tradução do autor), por isso, a distinção entre o bem e o mal seguirá em vigor na vida futura. Neste futuro escatológico, o mal será derrotado e as vítimas reabilitadas, o que, ao menos, dá ao sofrimento da vida atual um caráter não

definitivo. Isso torna a religiões “comunidades narrativas de acolhimento que ajudam a viver e morrer digna e esperançosamente” (FRAIJÓ, 2016, p. 313, tradução do autor).

Poderiam questionar as mentes ilustradas envoltas nas verdades ditas científicas: não seria essa crença um retorno a uma mentalidade mágica ou um resquício de uma mentalidade infantil? A este questionamento, poderia ser contraposto um outro: temos certeza absoluta que os limites da experiência humana esgotam a totalidade do humano? Embora não verificável, a hipótese de uma vida e ressurreição após morte pode ser tornar crível se assumirmos os limites humanos da experiência empírico-positiva.

Partindo do pressuposto de que a ciência não detém o monopólio do real e não esgota a totalidade do humano, as hipóteses da sobrevivência alma e da ressurreição tornam-se razoáveis. Apesar da salvação religiosa ainda ser considerada por muitos uma fonte de alienação, ela persiste. Isto porque ela dá respostas à necessidade humana de ser reconhecido e afirmado frente ao fato inquestionável da finitude humana. Ao contrário do que afirmava Feuerbach (1804-1872), Deus não existe simplesmente porque o desejamos. A crença em sua existência decorre do fato de que “a vida humana sem transcendência religiosa, não deixa de ser um naufrágio que trivializa” (FERNÁNDEZ DEL RIESGO, 2016, p. 268, tradução do autor) e, por isso, o homem merece que a vida não termine com a morte.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A natureza do bem**. Rio de Janeiro: Sétimo selo, 2005.

AQUINO, Tomás de. **Summa contra gentilis**. Madrid: BAC, 1968, v. 2.

ESTRADA, J. A. **Razones y sin razones de la creencia religiosa**. Madrid: Tecnos, 1962.

ESTRADA, J. A. **Razones y sin razones de la creencia religiosa**. Madrid: Trotta, 2001.

FALQUE, Emmanuel. **Metamorfosis de la finitud**. Madrid: ACCI, 2017.

FERNÁNDEZ DEL RIESGO, Manuel. **Ética e religión**. La insuficiencia de la experiencia moral. Madrid: Escolar y Mayo, 2016.

FERNÁNDEZ DEL RIESGO, Manuel. **La crisis del humanismo**: inquietudes y esperanzas en el ataredecer de la vida. Madrid: editorial Dykinson, 2020.

FRAIJÓ, Manuel. **Ética e religión: uma relação problemática**. In: MARINAS, José Miguel (ed.). **El diálogo de las creencias**. Madrid: La Oficina, 2016.

FRIDLIN, Jairo; GORODOVITZ, David. **Bíblia Hebraica**. São Paulo: Ed. Sêfer, 2006.

GOMES DE CAFFARENA, J. **El enigma y el misterio**: una filosofía del la religión. Madrid: Trotta, 2007.

LEIBINIZ, G. W. **Ensayos de teodicea**. Salamanca: Sigueme, 2013.

QUESADA, Júlio. **Ateísmo difícil**. **Barcelona**: Anagrama, 1994.

SAVATER, Fernando. **La vida eterna**. Barcelona: Ariel, 2007.

TORRES QUEIROGA, A. **Repensar el mal**. De la ponerología a la teodicea. Madrid: Trotta: 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação 5, 10, 12, 29, 33, 40, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 88, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 123, 125, 126, 128, 137, 139, 140

Agnosticismo 19

Arte Poética 25

C

Capitalismo Moderno 38, 39, 43, 44, 45, 46

Confúcio 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

E

Epistemicídio 82, 92

Ética Profissional 1, 13, 147

Exercício Espiritual 5, 6, 48, 49, 50, 51, 52, 54

F

Filosofia 2, 5, 6, 7, 2, 3, 5, 6, 9, 13, 16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 63, 71, 82, 83, 84, 89, 90, 92, 93, 109, 114, 130, 131, 133, 135, 150, 161, 162

Filosofia Africana 82, 83, 84

H

Humanidades 5, 7, 93, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

I

Informação 33, 55, 59, 60, 61, 139

L

Leitura da mente 134, 136, 137, 139, 141

N

Naturopatia 6, 1, 3, 10, 11, 12, 13, 14

Nihilismo 7, 19, 21, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

P

Panóptico 6, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Perfuração de lóbulos 147

Política 7, 9, 39, 40, 47, 77, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 127, 155

Psicanálise 133, 134, 141, 142, 143, 145, 146, 149

R

Racionalidade 16, 20, 38, 39, 40, 44, 46, 57, 58, 123, 124, 131, 143

Razoabilidade 5, 6, 15, 16

Responsabilidade 7, 9, 57, 104, 105, 107, 113, 127, 149

Ressurreição dos mortos 6, 15, 16, 22

S

Sentido de vida 63, 71, 80

Sufrimento 6, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 30, 33, 34, 36, 88

V

Vigilância 55, 56, 57, 58, 60, 61

Vontade de Poder 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 